

**SIMPÓSIO 140**  
**CONTRAFACTUALIDADE NAS CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS VAI VER,  
VAI QUE E VÁ LÁ**

ANDRADE, Maria Aparecida da Silva  
Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy(IFESP)  
aparecida.silvand@hotmail.com

**Resumo:** A contrafactualidade é uma propriedade básica da mente humana codificada pela linguagem e pode sinalizar um ponto de vista do locutor, nesse caso, uma perspectiva contrária aos fatos. O falante/escrevente, ao se comunicar face a face ou virtualmente com outrem, estabelece o que podemos denominar de dois espaços mentais, em que o primeiro estaria relacionado ao factual, real, enquanto o segundo diz respeito ao contrafactual, ou seja, ao mundo imaginário do locutor (FAUCONNIER e TURNER, 2002). Nessa ótica, o falante/escrevente, ao construir o sentido subjetivo, pauta-se cognitivamente no seu universo imaginário, no qual se instala a contrafactualidade, e seleciona construções linguísticas que codifiquem sua percepção subjetiva, ou seja, a perspectivização de uma visão particular frente a um evento (TOMASELLO, 1999, 2008). O objetivo deste trabalho é examinar a contrafactualidade no uso de construções gramaticais com *ir*, em que o falante/escrevente avalia uma situação considerando dois espaços. De um lado, encontra-se o que ele concebe como real e, de outro, a situação possível, fruto de sua imaginação, na qual examina uma circunstância a partir de seu ponto de vista. Fundamenta-se nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. A metodologia é de base qualitativo-interpretativista. Pela análise, foi possível verificar que o falante/escrevente procura preservar sua face diante de situações que possam ser contrárias às expectativas do ouvinte/leitor. A depender da situação em que esteja envolvido, o locutor se vale de expedientes como simular situações, fantasiar, propor hipóteses, fingir, dentre outras possibilidades que facultam ao falante/escrevente a construção de um mundo possível.

**Palavras-chave:** Contrafactualidade; Preservação da face; Construções gramaticais com *ir*.

**Abstract:** Counterfactuality is a human mind basic property encoded by language and can signal a speaker's point of view, in this case, a counter-perspective to the facts. The speaker/scribe, when communicating face-to-face or virtually with others, establishes what we can call two mental spaces, in which the first would be related to the factual, real, while the second concerns the counterfactual, that is, the imaginary world of the speaker (FAUCONNIER; TURNER, 2002). In this perspective, the speaker / scribe, in constructing the subjective sense, is cognitively oriented in his imaginary universe, in which counterfactuality is installed, and selects linguistic constructions that encode his subjective perception, that is, the perspectivization of a particular vision to an

event (TOMASELLO, 1999, 2008). The objective of this work is to examine the counterfactuality in the use of grammatical constructions with *to go*, in which the speaker/scribe evaluates a situation considering two spaces. On the one hand, it's found what he conceives as real and, on the other hand, the possible situation, the fruit of his imagination, in which he examines a circumstance from his point of view. It is based on the presuppositions of Usage-Based Functional Linguistics. The methodology is qualitative-interpretative. Through the analysis, it was possible to verify that the speaker/scribe tries to preserve his face in situations that may be contrary to the expectations of the listener/reader. Depending on the situation in which he is involved, the speaker uses expedients such as simulating situations, fantasizing, proposing hypotheses, pretending, among other possibilities that enable the speaker/scribe to build a possible world.

**Keywords:** Counterfactuality; Face preservation; Grammatical constructions with *to go*.

## Introdução

O falante/escrevente, em suas interações cotidianas, busca de alguma forma externar seu pensamento por meio da linguagem valendo-se para isso de mecanismos linguísticos que podem codificar atitudes e pontos de vista frente ao que estiver em pauta.

Essa codificação parte do que já está disponível no léxico, porém o falante/escrevente na tentativa de externar seu conteúdo cognitivo promove novos arranjos sintático-semânticos criando assim novas formas codificadoras a partir de outras já disponíveis na língua como é o caso das construções gramaticais *vai ver*, *vai que* e *vá lá*.

Os dados da pesquisa são oriundos da ferramenta de busca *Google*. O critério adotado por nós para a seleção das construções com *ir* foi o de identificação das ocorrências por *type* no *Google*. Essa ferramenta apresentou uma lista de resultados provenientes de jornais, revistas e *blogs* dos quais selecionamos as ocorrências.

A presente discussão respalda-se teórica e metodologicamente na Linguística Funcional Centrada no Uso ou Cognitivo-Funcional, investiga os fatos linguísticos reais, considerando os aspectos sintáticos, semânticos, pragmáticos e discursivos envolvidos na realização das ocorrências

linguísticas. Neste trabalho selecionamos a categoria contrafactualidade para tratar do uso das construções gramaticais sob investigação, pois observamos que os usuários usam essas construções para preservar a sua face quando se encontram diante de situações que possam ser contrárias às expectativas do ouvinte/leitor.

## **1. Considerações teóricas: a contrafactualidade no uso das construções com *ir***

Na linguagem humana, cognitivamente é possível identificarmos duas formas importantes de codificarmos os eventos: pela factualidade ou pela contrafactualidade. Se forem relacionados aos fatos ou se basearem neles em que a veracidade ou existência se comprova, diremos que se trata da factualidade. Por outro lado, se o falante/escrevente estiver tratando de uma projeção de ideias, da possibilidade de que algo possa ou não vir a acontecer, diremos que estamos tratando da contrafactualidade. (FAUCONNIER e TURNER, 2002).

A contrafactualidade é uma propriedade básica da mente humana codificada pela linguagem e pode sinalizar um ponto de vista do locutor, nesse caso, uma perspectiva contrária aos fatos. O falante/escrevente, ao se comunicar face a face ou virtualmente com outrem, estabelece o que podemos denominar de dois espaços mentais, em que o primeiro estaria relacionado ao factual, real, enquanto o segundo diz respeito ao contrafactual, ou seja, ao mundo imaginário do locutor (FAUCONNIER e TURNER, 2002).

Nessa ótica, o falante/escrevente, ao construir o sentido subjetivo, pauta-se cognitivamente no seu universo imaginário, no qual se instala a contrafactualidade, e seleciona construções linguísticas que codifiquem sua percepção subjetiva, ou seja, a perspectivização de uma visão particular frente a um evento (TOMASELLO, 1999, 2008).

De acordo com Ferrari e Pinheiro (2014, p. 30), a contrafactualidade pode se manifestar por diferentes estruturas linguísticas, a saber: “a) estratégias de negação estabelecidas por advérbios e verbos (não, nem,

nunca, não passou de); b) usos de tempos verbais em construções gramaticais que autorizam essa interpretação, como o futuro do pretérito como em ‘as bobagens de amor que eu iria dizer’”.

Outro ponto importante aliado à contrafactualidade é a perspectivização a qual diz respeito à focalização de aspectos específicos de uma cena (TOMASELLO, 1998), a partir da qual o falante elege um elemento como o ponto de vista pelo qual comunicará o evento ou situação. Assim, em uma cena de compra e venda, a atenção focal pode estar voltada para o vendedor ou para o comprador, enquanto o restante fica menos saliente em termos cognitivos (TALMY, 2000).

Nesse sentido, a perspectivização deve ser vista como um fenômeno também vinculado, necessariamente, à (inter)subjetividade, conforme Verhagen (2005). Isso porque tem a ver com o modo como a informação é focalizada, a partir de um determinado ângulo de visão do falante/escrevente, com impacto na conceitualização do ouvinte/ escrevente, em seu conhecimento pragmático e mundo de crenças. Na perspectivização, entende-se que há participação ativa do locutor tanto no monitoramento da informação a ser veiculada ao interlocutor bem como na organização sequencial e na forma com que a informação será perspectivizada.

Isso acontece com as construções *vai ver*, *vai que* e *vá lá* pelas quais percebemos a participação ativa do falante/escrevente, pois ele não somente se atém a informar, mas também monitora o seu dizer considerando o contexto comunicativo no qual se insere. Na próxima seção, apresentaremos alguns dados que ilustram o que vimos discutindo neste trabalho.

## 2. Análise dos dados

Os dados, a seguir, são instanciações que integram proposições contrafactualis, nas quais o conteúdo do dito não corresponde a um fato comprovado.

(01) *Dizem que Gugu saiu do camarim de Silvio Santos, depois da última conversa sobre sua ida para a Record, com o rosto vermelho e inchado,*

*em sinal de choro... **Vai ver** foi a cebola, já que Silvio costuma receber os convidados na hora do almoço, quando está fritando seus famosos bifes.*(RUBENS, 2014)

(02) *Pode até parecer pouco, mas as lesões no quadril representam de 3 a 11% do total de traumatismos nos membros inferiores e, na maioria das vezes, podem ser causados por microtraumas de repetição. Aquele lance de correr em desnível, tipo tá raso tá fundo, e achar que é normal. **Vai que** você está entre esses 11%? Esses microtraumas de repetição geram sobrecarga excessiva nos tecidos sem que eles tenham tempo suficiente de cicatrização.*(HERRERA, 2017).

(03) *Até que alguns acidentes na rotina nos obriga a entender o quão essencial é olhar para o lado. Pedir ajuda, estender a mão. Deixar que enxuguem nossas lágrimas. Nos sentir amparados é a expressão. Deixar que nos embale, nos conforte. **Vá lá** que seja por alguns minutos ou por várias horas. Por dias, não importa. Não se sentir só é o termo correto.*(SILVEIRA, 2017).

No excerto (01), o jornalista faz uma suposição, ao tentar justificar a ruborização no rosto do apresentador Gugu, em sinal de choro, que, pela situação descrita anteriormente, deveria ter relação com sua saída para outra emissora.

Tendo em vista que se trata de um tipo de nota jornalística cujo foco é informar sobre a vida das celebridades, o jornalista não se atém apenas ao conteúdo factual mas também apresenta um ponto de vista, desvelando, nesse caso, sua ironia. Para isso, recorre à contrafactualidade, visto que avanta a possibilidade de a conversa ter acontecido no momento em que Sílvio Santos estaria cortando cebolas.

Já em (02), a contrafactualidade se faz presente quando o jornalista suscita a possibilidade de o interlocutor ser uma pessoa que se enquadra nos 11% das que apresentam traumatismos nos membros inferiores. Observamos que o recurso à contrafactualidade é uma estratégia usada pelo jornalista para sensibilizar o leitor a se prevenir contra possíveis lesões nesses membros.

No excerto (03), é possível observar que o falante/escrevente emite uma opinião a respeito de um assunto, o fato de uma pessoa não estar solitária, de permitir-se receber atenção e carinho de outras pessoas. Nesse caso, o locutor

ao usar a construção *vá lá* recorre à contrafactualidade para expressar um fato supostamente admissível, aceitável: independentemente do tempo a ser disponibilizado (minutos, horas ou dias) é importante receber atenção ou ser confortado por alguém.

Pelo exposto, podemos dizer que a contrafactualidade se constitui numa estratégia cognitiva que permite ao falante/escrevente avaliar uma situação criando, para isso, dois espaços. De um lado, encontra-se o que ele concebe como real e, de outro, a situação possível, fruto de sua imaginação, na qual examina uma circunstância a partir de seu ponto de vista.

Assim o falante/escrevente preserva sua face diante de situações que possam ser contrárias às expectativas do ouvinte/leitor. A depender da situação em que esteja envolvido, o locutor se vale de expedientes como simular situações, fantasiar, propor hipóteses, fingir, dentre outras possibilidades que facultam ao falante/escrevente a construção de um mundo possível. (cf. FAUCONNIER e TURNER, 2002, citado por TEIXEIRA, 2007).

O locutor, ao nomear eventos (inter)subjetivos com o uso das construções com *ir*, forma novos arranjos (*chunks*) linguísticos com estruturas gramaticais já disponíveis na língua para codificar uma percepção particular; perspectivando-a. Para isso, o falante/escrevente vale-se de seu aparato cognitivo e de suas experiências socioculturais na realização dessa tarefa.

Essa visão hipotética adotada pelo escrevente situa seu discurso no modo *irrealis*, perspectivizando-o no âmbito conjectural, pois assinala eventos supostos como probabilidade/possibilidade, necessidade, desejo, os quais expressam a contrafactualidade.

### **Considerações Finais**

As construções investigadas, conforme já explicitado, situam-se no domínio funcional da contrafactualidade, exprimindo noções vinculadas à probabilidade/possibilidade (*vai ver, vai que*) e aceitação provável/possível (*vá lá*). Tais construções veiculam informação referente à crença subjetiva do falante/escrevente, descrevendo eventos ou situações *irrealis*.

Processos de extensão semântica e de reconfiguração sintática atuam no uso das construções sob estudo, de tal forma que os componentes dessas construções são recategorizados, passando a assumir funções mais textuais, relacionadas à coesão sequencial, e discursivo-pragmáticas, associadas à manifestação de (inter)subjetividade e à orientação argumentativa (cf. TRAUOGOTT, 1999).

Na esteira desses aspectos discursivo-pragmáticos, observamos que as construções gramaticais com *ir* examinadas relacionam-se ao gerenciamento da informatividade. Nesse sentido, verificamos que tais construções ancoram informação nova, representando uma observação/avaliação sobre uma informação (nova ou dada) que está em foco; portanto, têm a ver com a progressão discursivo-textual.

Os comentários de fundo ancorados por essas construções revelam julgamentos/posicionamentos do locutor frente a um dado conteúdo informado. Essa postura discursiva vincula-se à perspectivização, no sentido de que tais comentários representam tentativas do falante/escrevente em focalizar a informação a partir de um(a) determinado(a) ângulo/ótica de conceitualização e, com isso, impor uma certa visão de mundo (cf. TOMASELLO, 1998; VERHAGEN, 2005).

Nessa relação intersubjetiva estabelecida entre os parceiros de interação, o locutor procura monitorar o conhecimento pragmático do interlocutor e orientar sua visão de mundo. Entretanto, o escrevente cerca-se de cuidado quanto ao fato de seu comentário não ser tomado como uma informação dada como certa. Desse modo, busca não apenas preservar sua própria face mas também a de seu(s) leitor(es), na medida em que este(s) pode(m) aferir o grau de certeza/veracidade da informação.

## Referências

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, L.; PINHEIRO, D. *Ponto de vista, mesclagem e contrafactualidade: da narrativa cotidiana a um poema de Drummond. Idioma*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 27-3, 2. sem. 2014.

HERRERA, S. Fique ligado nos sinais do quadril. *Jornal Estadão*, [São Paulo], 04 fev. 2014. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/blogs/corrida-para-todos/fique-ligado-nos-sinais-do-quadril>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

RUBENS, N. *Emoção ou cebola?* Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/tv-novelas-famosos/colunistas/nelson-rubens/filha-francisco-480942.shtml>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

SILVEIRA, M. Pessoas que abraçam nossa alma. *Jornal NE10*, Recife, 16 fev. 2017. Disponível em: <<http://entretenimento.ne10.uol.com.br/coluna/o-amor-que-guardei-para-mim/noticia/2017/02/16/pessoas-que-abracam-nossa-alma-662837.php>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

TALMY, L. *Toward to a cognitive semantics: concepts structuring systems v. I*. Cambridge/London: MIT Press, 2000.

TEIXEIRA, R. A. *Contrafactualidade e configuração de estratégias argumentativas em discursos políticos*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

\_\_\_\_\_. Linguistic communication and symbolic representation. In.: TOMASELLO, M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *The origins of human communication*. MIT Press, 2008.

TRAUGOTT, E. C. From subjection to intersubjection. In: *Paper presented at the Workshop on Historical Pragmatics*. Canadá, 1999

VERHAGEN, A. *Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax, and cognition*. Oxford: OUP, 2005.